



Jacob abençoando os netos

O quadro de que a nossa gravura é copia representa o patriarcha Jacob abençoando seus netos Ephraim e Manassés. Jacob chamado ao Egypto por seu filho Joseph, assiste ao consolador espectáculo do engrandecimento deste, vê o de dia para dia augmentar em poder e auctoridade e contempla na sua prole as vergontas dessa geração immensa promettida por Deus. O santo patriarcha, ao tempo da sua morte, está decrepito e cego; sentindo-se partir do mundo, manda a Joseph que lhe traga os netos, e dispõe se a abençoal-os. É esta a conjunctura em que Rembrandt o figura no seu quadro. O velho, sereno e magestoso, cruza os braços sobre as cabeças de Ephraim e de Manassés; Joseph parece amparal-o; aos pés do leito está uma mulher que é, provavelmente, Azenath. A descripção desta scena encontra-se no capitulo 48 do *Genesis*.

Joseph, havia posto Ephraim, seu filho primogenito, á direita de Jacob, e Manassés, o mais novo, á esquerda. Quando o patriarcha lhes deitou a benção cruzou os braços de modo que, a sua mão direita descansou sobre a cabeça do mais novo, e a esquerda sobre a de Ephraim. Advertido por Joseph, que pensava ser este engano effeito da cegueira, e que lhe dizia: «Não

está assim bem, senhor, porque é este o primogenito: põe, portanto, tua mão direita sobre a sua cabeça.» — Jacob permaneceu como estava, predizendo em seguida o futuro dos dois meninos, e qual seria a posteridade de cada um delles. Tal foi a situação que o grande pintor Rembrandt aproveitou para o seu quadro. Ainda que na gravura desapareçam muitas das superiores qualidades que distinguem o mestre hollandez, como são o vigor e o claro escuro, comtudo, vemos no desenho e na composição em geral um cunho de elevado merito. As figuras são dignas e bem agrupadas; Jacob tem a magestade austera dos annos, e ao mesmo tempo um não sei que da serenidade beatifica. O Deus de Abraham estende-lhe o regaço, e elle inclina a cabeça para se recostar e adormecer. Em Joseph e em sua mulher Agusenath revela-se uma resignação piedosa; Ephraim e Manassés offerecem um notavel contraste. Rembrandt nasceu em Van-Ryn, junto a Leyden, no anno de 1606. Morreu em 1674. Os seus quadros emparelham-se com os dos maiores mestres.

Não é pobre o que tem pouco, mas o que deseja muito.

HEITOR PINTO.

A NOIVA DO CADAFALSO

(Episodio da guerra do Roussillon)

(Continuado de pag. 124)

V

Edmée de Montlac

Chamava-se Edmée de Montlac a joven presa, de quem Gaspar podia dizer como Chénier da sua meiga inspiradora :

*Blanche et douce colombe, aimable prisonnière,
Quel injuste ennemi te cache à la lumière?*

Com effeito, só os tigres da revolução podiam resistir a tanta belleza e a tanta innocencia. Mais immaculada victima nunca teria sido devorada pelo Minotauro ignobil da guilhotina. Nem um pretexto dava a doce creatura aos seus algos para a encerrarem na masmorra. Educada no seio da opulencia, nunca fôra surda á voz da pobreza; embalada com os preconceitos aristocraticos, o meigo instincto da sua alma de anjo fizera-lhe beber de preferencia o leite do Evangelho, ensinára-lhe que todos os homens são irmãos antes que essa verdade fosse proclamada nas salas das Tulherias, pela voz bramidora da revolta. Não era seu pae assim; o seu desenfreado orgulho de aristocrata, e de aristocrata da Gasconha, nem o terror conseguira domal-o. Obstinara-se a ficar em França, julgando sempre ephemera a revolução; quando o cadafalso de Luiz XVI o fez mudar de idéas, preparou-se para a fuga, e homisiou-se em casa de um dos seus rendeiros, ou antes de um dos seus *vassallos*, como elle teimava em dizer, á espera de ensejo para sair de França. O lavrador gascão, bom homem, que adorava a duqueza de Montlac, e sua filha, mais em attenção a ellas do que ao fidalgo, que poucas sympathias lhe merecera, foi a Collioure fretar a occultas um navio que conduziria a um porto da Catalunha a familia aristocratica. Presos, como suspeitos, nesta cidadinha, graças ás maneiras incorregiveis do duque, os tres desgraçados havia dois mezes que esperavam a cada instante a morte, quando os salvou a intervenção de Gaspar da Silveira.

O duque de Montlac saíu da prisão como para lá entrara, orgulhoso, e fanfarrão. Foi esse o defeito constante de todas as aristocracias, e foi esse, principalmente, nestas epocas nefastas, o defeito da aristocracia franceza. Vinte e um annos de exilio, de privações, de acontecimentos extraordinarios que transformaram completamente a face do mundo, nenhuma influencia exerceram naquelles espiritos frivolos. *Ils n'ont rien appris, ils n'ont rien oublié!* dizia creio que Talleyrand, quando em 1814 foi prestar as suas homenagens aos Bourbons restaurados. Assim era com effeito, e bem o demonstraram as inconsequencias com que essa raça predestinada á cegueira e ao infortunio provocou a explosão de 1830.

O duque de Montlac, apenas se vio livre, e protegido pelas bayonetas estrangeiras, foi estabelecer-se na casa melhor de Collioure, e começou, durante o periodo dessa restauração ephemera, a tomar de novo ares de grande fidalgo, sem

fazer caso do odio que a população lhe mostrava, e que não tardaria a fazer explosão, se as tropas hespanholas a não reprimissem. Descendente, por bastardia, de Henrique IV, facto que elle narrava com ufania, não herdára de seu illustre avô nem a bondade nem o fino tacto. Ia contraindo loucamente com o povo dividas terriveis que os jacobinos homisiados juravam fazer-lhe pagar assim que uma dessas fluctuações, vulgares na guerra, obrigasse os hespanhoes a cederem, mais ou menos momentaneamente, a praça de Collioure aos republicanos.

Felizmente para o tresloucado duque, os exercitos haviam entrado em quartéis de inverno, e os hespanhoes, debaixo do commando do general Navarro, gosavam tranquillamente da sua nova conquista.

Sua filha affligia-se com estas loucuras, e dizia-lho. Gaspar da Silveira, que o fidalgo francez convidára para ir a sua casa, depois de se assegurar de que tinha nas veias sangue aristocratico, Gaspar da Silveira que formava um juizo mais sensato sobre a republica, depois das longas conversações que tivera com Paulo Deschamps, tambem o exhortava a não ter demasiada confiança nas prosperidades eventuaes da guerra, mas o duque de Montlac sorria-se, e encolhia os hombros, respondendo:

— Qual! esta canalha jacobina leva-a Ricardos adiante de si. A campanha de 1795 ha de ser um passeio militar até Paris. Hei de acompanhal-os de carruagem porque o rheumatismo não me deixa montar a cavallo.

Era o que elles diziam desde 1792, foi o que disseram até 1814. Não os curaram nem as vinte campanhas victoriosas dos republicanos transformados depois em imperialistas, nem o tremular das bandeiras tricolores e das aguias napoleonicas em todas as capitães da Europa. Sempre que se abria uma nova campanha, os emigrados preparavam as suas bagagens para Paris; afinal tinham de aproveitar os preparativos para fugirem de Milão, Florença e Roma, se a campanha era a de Arcola e de Rívoli, de Veneza se era a do Tagliamento, de Napoles se era a de Civita-Castellana, de Vienna se era a de Austerlitz, de Berlin, se era a de Iena, de Madrid se era a de Somo-Sierra.

Gaspar abanava a cabeça com tristeza e não respondia. Edmée olhava-o melancolica. Depois suspiravam ambos.

Porque? Porque ambos tinham um remorso. Porque nenhum delles ousava proferir a palavra «emigração» que era por fim de contas a unica resolução rasoavel.

E porque a não proferiam? Porque a emigração separava a fidalga fugitiva do official preso á sua bandeira pelos laços da honra militar, e, sem o terem dito um ao outro, ambos sabiam que a separação para elles seria o ultimo dos infortunios.

Não o tinham dito não, mas ambos o adivinhavam, porque entre elles já se estabelecera essa corrente magnetica do amor, que funde duas von-

tades numa só, que dá a dois espiritos as mesmas azas para se irem embalar num céu de ignotas delicias. Amaram-se. Entre os horrores da guerra, entre o cataclysmo pavoroso dum mundo que desabava em ruina, tinham elles edificado um doce ninho, onde o seu amor, ainda implume, se abrigava e se aquecia. Rugia a procella, e elles não viam senão a ineffável serenidade que dos olhos dum se espelhava nos olhos do outro.

Fascinara-o a elle, além da belleza o prestigio do infortunio; a ella não só a gentil presença e as elevadas qualidades de espirito e de coração que adornavam o joven official portuguez, mas também a aureola como que sobre-natural, com que lhe rodeiava a frente a ingenua superstição da pobre criança que o encontrara, como que á beira do seu túmulo, a revocal-a á vida.

Comtudo, Gaspar não ousava tomar a iniciativa de uma declaração; e assim ficariam, sem trocarem mais do que olhares carregados de effluvios magneticos, e suspiros apaixonados, quando os acontecimentos lhes vieram cortar as irresoluções.

A campanha findára definitivamente; as armas republicanas haviam sido vencedoras em toda a parte, excepto no Roussillon. Ao norte as victorias de Jourdan, no Rheno as de Hoche, nos Alpes as de Kellermann, na Vendéa as de Marceau e Kléber haviam tirado a Republica do perigo maior que ella até ahí correra. Lyão fôra tomada; Toulon caíra no poder do general Dugommier; graças á pericia de Bonaparte, as insurreições parciaes dos departamentos haviam sido ou aplacadas ou vencidas; nos Pyrenéos Occidentaes, sem ter havido resultados decisivos, pendera, comtudo, a balança um pouco para o lado dos francezes, graças aos feitos de armas do general Moncey. Só nos Pyrenéos Orientaes o genio militar do general D. Antonio Ricardos Carrillo infligira aos republicanos as mais humilhantes derrotas. A campanha protraíra-se até os fins de dezembro; era tempo de invernar; mas os francezes, desaffrontados em todas as fronteiras, haviam de querer tomar vingança dos desastres succedidos nesta. Já fôra demittido o general Doppet, voltára o commando ás mãos senis, porem nada frouxas, do veterano Dagobert; o general Dugommier, o vencedor de Toulon, estava já em caminho para vir pôr-se á testa das phalanges desbaratadas; chegavam de todos os lados reforços. Os hespanhoes não podiam dormir á sombra dos seus louros, e precisavam de vigilancia activissima se queriam passar tranquillamente o inverno.

Não havia que receiar pela direita; apoiada no mar, e na linha fortificada do littoral, era completamente inexpugnável. Mas a esquerda estava no ar, apoiando-se apenas nos entrincheiramentos de Ceret, de Toulon etc., expostos ás incursões das guerrilhas francezas, e dos destacamentos do seu exercito regular.

Segundo o costume constantemente adoptado pelos nossos alliados, foram as tropas portuguezas as sobre-carregadas com o serviço mais pesado. A divisão auxiliar foi confiada a esquerda dos

acantonamentos, e quando o general Forbes, vendo as suas tropas privadas durante o inverno todos commodos e do repouso que os hespanhoes gosavam, prostradas pelas fadigas de incessantes combates, pedia que as viessem render por algum tempo, dizia-se-lhe muito cortez e lisongeiramente que perigaria a segurança do exercito hespanhol, se as tropas portuguezas fossem por outras substituidas. Modo engenhoso de dourar a pilula com que o governo hespanhol ia illudindo os inexperientes, e economisando o sangue dos seus proprios soldados á custa da nação vizinha.

Respirava, pois, com delicias, o nôsso Gaspar da Silveira as primeiras fragrancias do seu amor suave e mysterioso, quando uma ordem subita, emanada do quartel-general, veio encher-lhe de amargura o coração que nadava em jubilo.

O regimento de Olivença fazia parte, como vimos, das tropas que, debaixo do commando do general D. Gregorio de La Cuesta, haviam entrado triumphantes em Collioure. Esperava o nôsso alferes que o seu regimento não recebesse outro destino, mas qual não foi o seu desgosto, quando o coronel Frederico de Werna, que era amigo da sua familia, lhe disse ter sido avisado pelo general Navarro para sair de Collioure, e ir reunir-se ao segundo regimento do Porto, afim de se acantonarem debaixo do commando dos generaes D. João Correia de Sá, e D. Antonio de Noronha, na villa de Peraldá e forte des Bains, a pouca distancia de Ceret.

Na tarde desse dia foi Gaspar da Silveira, segundo costumava, visitar o duque de Montlac. Encontrou todos reunidos na sala principal em torno do fogão acceso. O dia estava carregado e frio. Uma nebrina intensa desdobrava o seu véo sobre as casas de Collioure, que por entre ella se divisavam indistinctas, rasgando apenas aqui ou alem o campanario de alguma igreja as prégas do nevoeiro. O mar bramia, solurno, rolando as suas vagas fatigadas por entre o manto nebuloso.

O duque e a duqueza conversavam sobre o modo de liquidarem quanto podessem dos seus bens, enquanto as armas hespanholas lhes favoreciam essa operação. O duque teimava em não se apressar, dizendo que de Paris se negociaria muito melhor. A duqueza dava o seu assentimento á theoria, mas achava-lhe difficuldades na pratica. Era melhor, dizia ella, aproveitar o que se tinha nas mãos. Terras seria difficil vendel-as, porque não appareceriam compradores, mas os matos, por exemplo, podia-se conseguir, talvez, que o governo hespanhol os comprasse, e mandasse cortar, aproveitando a madeira para construcções navaes. Era isto o que se discutia entre os dois fidalgos. Entretanto Edmée mirava com olhar vago a chamma vermelha e alegre, que seintillava na moldura polida do fogão, e voltava depois os olhos distraidos para a janella, donde se podia ver o mar envolto em nevoeiro.

E este espectáculo triste ennuclava a fronte limpida, mas pensativa, da gentil criança.

Entrou Gaspar. Vinha desfigurado. Havia tal

desespero na vista de olhos que lançou a Edmée, que esta sentio um rebate de angustia no coração presago.

— Venho despedir-me, disse o joven official portuguez, depois de trocar os primeiros cumprimentos.

— Continua a campanha? perguntou o duque entre alegre e sobresaltado.

— Antes assim fosse! tornou tristemente Gaspar. Ao menos teria a esperança duma bala, continuou elle em voz tão baixa, que parecia um murmurio. Mas Edmée ouviu-o, e acceso rubor lhe illuminou as faces pallidas.

— Então o que ha de novo? disse o duque.

— Muda de acantonamentos o regimento de Olivença: vamos para o lado de Ceret, acudio Gaspar com uma tristeza, que não deixava de ter o seu lado comico para quem ignorasse os motivos della.

— Ah! ah! tornou o duque, e por tão pouco se afflige o nosso Gaspar! Entendo, alguma Venus de Collioure lhe captou o coração. Descance, homem; eu conheço Ceret, tenho até lá um solar, e posso-lhe dizer que são appetitosas as minhas vassallas.

Gaspar lançou primeiro a elle, e depois a Edmée um olhar cheio de desespero.

Os olhos de Edmée estavam humidados das lagrimas reprimidas. Percebendo que não podia conter a sua dor, levantou-se e saio da sala.

Gaspar levantou-se tambem irreflectidamente como que para a seguir. Reteve-o um olhar de Edmée. O duque ria como um perdido.

Não se demorou muito mais o joven alferes. Edmée fugira-lhe. Não podendo vel-a, queria escrever-lhe ao menos. Tardava-lhe estar só.

A noite sobreviera entretanto, ou antes um crepusculo sombrio em que a nevoa se ia tingindo cada vez mais de negro. Gaspar despedio-se, e saio.

Ia triste, profundamente triste. Ainda se não tinham accendido as luzes. Estavam mergulhados em trevas os quartos que atravessava.

Subito sente pousar-lhe no braço mão fina e tremula, e uma voz doce e timida murmurar-lhe ao ouvido:

— Gaspar!

— Edmée, torna elle num impeto de douda alegria, e deixando irromper de subito a paixão por muito tempo reprimida, anjo, tu aqui! Oh! eu tinha um presentimento que me não deixarias assim partir, cheio de desespero, e louco de dôr! Não sei que ignota fragrancia me denunciou a tua presença, sulcaram-se de luz as trevas do aposento, e eu... insano! não adivinhei que eras tu.

— Sim, sou eu, disse Edmée com voz sumida, mas oh! por Deus lhe peço, contenha-se. Commetti uma injustificada imprudencia; não me faça arrepende della.

— Imprudencia, Edmée! É imprudente o anjo que vem com a ponta da aza branca inundar de esplendor a fronte humilde do misero mortal? Não! é divino, é misericordioso como Deus, bom

como elle, digno de ser adorado de joelhos, como os archanjos seus irmãos, como o louro Jesus, como a sagrada Virgem.

— Oh! sim, sei que me ama, tornou Edmée com uma expressão de jubilo infinito, disseram os seus olhos, disse-mo ainda mais o seu silencio. E eu...

— E tu? tornou elle suspenso.

— Amo-te! balbuciou ella.

Ouvio-se um murmurio doce, um como que roçar das azas de dois seraphiis amantes encontrando-se presos entre os labios de dois entes mortaes que da plumagem etherea colhem nesse rapido momento a essencia divinal.

— Gaspar! disse ella balbuciante, e meu pae que pôde vir e os criados! Jesus que loucura fiz? Mas olha, querido, nestes tempos fataes quem pôde contar com o dia de amanhã? Quem sabe do futuro? Por isso vim esperar-te e dizer-te: «Amas-me, e eu amo-te!» Para que a morte não venha surprehender-nos antes que um laço eterno nos ligue, toma o talisman que estabelecerá entre nossas almas uma ineffavel communicação.

E, soltando as tranças rescendentes e ondeadas, inundou com ellas e com o perfume inebriante que exhalavam o rosto de Gaspar, e quando elle, doudo de prazer immenso, lhas beijava num extasi de amor, ella cortou de subito um dos loucos anneis que volitavam em torno do rosto do nosso alferes, entontecendo-o com os seus effluvios magneticos, e deixando-lho nas mãos, fugio dizendo:

— Ver-me-has antes de quinze dias! Amor e esperanza!

(Continúa)

M. PINHEIRO CHAGAS.

PARECE UM PARADOXO E É UM DESENGANO SALUTAR

Um *Dervis*, (1) que andava peregrinando pela Tartaria, entrou, por engano, em um palacio real, suppondo que entrava em uma hospedaria publica: Atravessou uma extensa galeria, pôz no chão os alforges, e estendeu um tapete para sobre elle repousar, como é estylo dos povos do oriente.

Mal tinha feito isto, quando uns guardas do palacio vieram perguntar-lhe o que fazia ali. O *Dervis* respondeu que pretendia pernoitar naquella *caravançara*, (2) ao que os guardas acudiram dizendo: — que aquelle edificio não era destinado para dar hospedagem, mas um palacio real.

Em quanto assim debatiam, acertou de passar por ali o proprio rei, — o qual, rindo-se do engano do *Dervis*, lhe perguntou como era possivel não distinguir um palacio — de uma hospedaria!

— Senhor, disse o *Dervis*; *dé me Vossa Magestade licença para lhe fazer algumas perguntas*. E, annuindo o rei ao pedido do *Dervis*, estabeleceu-se o seguinte dialogo:

O *Dervis*: Quaes foram as pessoas que se alojaram nesta casa, logo depois de ser edificada?

(1) *Dervis*, ou *Dervise*. Vem da voz persica *Daruiçe*, que tanto quer dizer como pobre, mendigo, despresado do mundo. Sacerdotes, ermitões, ou monges mahometanos, espalhados por toda a Asia. (Veja — *Vestigios da lingua arabica*.)

(2) *Caravançara*. *Caravan sarai*, voz persica, que tanto quer dizer como estalagem, ou aposento, onde se recohem os passageiros. (Veja tambem — *Vestigios da lingua arabica*.)

O Rei: Os meus antepassados.

O Dervis: Qual foi o ultimo que aqui se alojou?

O Rei: Meu pae.

O Dervis: Quem móra aqui actualmente?

O Rei: Sou eu proprio.

O Dervis: E quem ha de aqui morar depois de Vossa Magestade?

O Rei: Meu filho.

O Dervis: Pois bem, senhor! uma casa que tão repetidas vezes muda de habitadores, e que tão amiudadas successões experimenta, não é um palacio, mas sim uma estalagem. (1)

— Este apólogo oriental faz lembrar a notavel invectiva de Santo Agostinho, contra o rico jactancioso, que dizia, inchado de orgulho: *Domum meam habeo: E' minha a casa em que habito, sou muito seu dono!*

É admiravel de energia, quanto precioso, debaixo do ponto de vista philosophico, o dialogo que Santo Agostinho figura entreter com o rico jactancioso:

Domum meam habeo. — Quam domum tuam? etc.

Para não enfadar os leitores com o latim, omitto o restante, e dou-me pressa em reproduzir em linguagem o dialogo, tal como o romanceia e desenvolve o nosso insigne padre Antonio Vieira, com a valentia de expressão que lhe é natural:

— Esta casa de que vos jactaes ser senhor, porque é vossa? Porque a herdey de meu pay. E vosso pay de quem a houve? De meu avô. E de quem a houve vosso avô? De meu bisavô. E vosso bisavô de quem? De meu tresavô. Já não tendes palavras com que proseguir de quem mais foi, e a quem mais passou essa casa, que cha-

maes vossa. Pois assim como ella passou, e os vossos passados passaram por ella, assim ella e vós tambem haveis de passar. Por este modo sem firmeza, nem estabilidade alguma estão sempre passando neste mundo as casas, as quintas, as herdades, os morgados: huns, porque os faz passar a morte, outros porque os manda passar a justiça, outros porque os convida a passar a riqueza dos que a compram, outros, porque a força e poder os roubam e senhoréam por violencia: em summa, que não ha pedra, nem telha, nem planta, nem raiz, nem palmo de terra, que não esteja sempre passando, porque tudo passa. (2)

— Assim, aquelle apólogo oriental, que primeiramente registámos, parecia um paradoxo, e é, pelo contrario, um desengano salutar, que á consideração de nós todos deve sempre estar presente, afim de nos ensinar a repellir o orgulho da riqueza, a encarar como transitorios os bens do mundo, e a só ter na conta de verdadeiramente solidos e firmes os dotes da alma.

Quando o citado padre Vieira prégou em S. Luiz do Maranhão, nas exequias do principe D. Theodosio (filho de El-Rei D. João IV) arrebatado tão prematuramente pela morte na idade de 19 annos, disse o avisado orador:

— Não teve de que testar; porque todos os bens que possuia, os levou consigo. A sabedoria e a virtude não se deixam em testamento, porque se levam: e nós todos a matar nos, pelo que se ha de deixar. — (3)

Eis a verdadeira philosophia!

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.



Gaspar Monge

Mais um grande genio, um talento admiravel, que figura nessa vasta galeria de homens cele-

bres, que tornaram o seculo passado um dos mais gloriosos e memoraveis para a França.

(1) Esta anecdota encontrou Addison nas *Viagens de Chardin*, e a refere em um dos numeros do famoso *Spectator*. (*Spectator*, n.º 289.)

(2) *Sermões*. Tomo V. pag. 19 e 20.

(3) *Voz segunda obsequiosa*. Tomo XV.

Gaspar Monge!

A vida deste insigne varão poder-se-hia dividir em duas partes essencialmente distinctas; o periodo politico e o periodo scientifico; mas os titulos de Monge, aos olhos dos sabios, são taes que se esqueceu o homem de partido para unicamente se profundar o espirito elevado do homem de sciencia. Fazemos, comtudo, um esboço rapido de uma e outra destas unidades.

Monge nasceu em Beaune, no anno de 1746; seu pae era um negociante pobre; mas reconhecendo a aptidão do filho, conseguiu, auxiliado por alguns amigos, fazel-o admittir no collegio dos Congregados do Oratorio. Depois de estudar tres annos em Beaune, os Congregados enviaram-no aos seus collegas de Lyão, como escola superior, onde os seus talentos precoces acabariam de desenvolver-se. Effectivamente, chegado á idade de dezeseis annos, deu provas tão claras do seu saber, que não hesitaram em confiar-lhe uma cadeira de physica. Pouco tempo depois, Monge, voltando ao seio de sua familia, empreendeu levantar a planta de Beaune, em largas dimensões, e offereceu o seu trabalho á camara municipal. Um official superior de engenharia, admirado da elegante exactidão da planta, recommendou o seu auctor ao director da escola de Mezières; mas este estabelecimento só franqueava as suas portas a discipulos privilegiados, em numero de vinte. Só os nobres tinham entrada, e o nascimento humilde de Monge, foi um titulo de exclusão. Apenas lhe concederam o lugar de desenhador, na classe dos conductores de trabalho das fortificações.

Alguns mezes depois da entrada de Monge na escola de Mezières, o commandante chamou-o para elle lhe fazer um calculo mathematico; o joven discipulo, fatigado da grande complicação do processo para achar a solução do problema, imaginou um meio mais expedito: foi o primeiro methodo geometrico e geral, ensaiado para attingir o fim. A solução dada por Monge soffreu contestação, visto que, dizia o commandante, nem mesmo tomára o tempo necessario para os calculos habituaes; mas forçado a examinar o trabalho, não pôde deixar de reconhecer o talento de Monge, que, desde essa epoca, se manifestára em toda a sua robustez.

Monge tinha então dezenove annos; nomearam-no professor substituto de mathematica, e dois mezes mais tarde occupava a cadeira de physica, que o abbade de Nollet deixara vaga. Isto foi para elle occasião de proceder a uma multidão de experiencias curiosas sobre os gases, effeitos de optica, electricidade; não se limitava unicamente ás suas lições diarias; gostava de pôr os seus discipulos na presença dos phenomenos da natureza, e o territorio de Mezières offerecia um campo vastissimo de instrucção ao auditorio do sabio. Ao mesmo tempo, Monge generalisava os seus primeiros ensaios mathematicos; creou uma doutrina nova e fecunda, indispensavel a todas as artes de construcção, e que, completada por desenvolvimentos successivos, recebeu o nome de *Geometria descriptiva*. Este conjuncto de methodos simples e uniformes, achava-se em conflicto com as praticas consagradas pela tradicção: dahi a grande opposição com que Monge teve de luctar para poder introduzir no ensino as suas innovações.

Todos os annos, pelas ferias, Monge dirigia-se a Paris, e procurava os homens que occupavam o primeiro lugar nas sciencias; já correspondente da academia, achou decididos prolectores em Lavoisier, Condorcet, La Rochefoucauld, D'Alembert, sobre todos, tinha um desejo ardentissimo de elevar o nosso joven sabio, e obteve para elle o titulo de membro da academia real das sciencias, em 1780. O lugar de examinador de matriça roubou-o, em 1783, á escola de Mezières; o lyceu de Paris, fundação que tinha por objecto espalhar a instrucção debaixo das formas mais agradaveis, acabava de receber em seu seio todas as sciencias; Monge tomou conta da cadeira de physica; e por suas lições, modelos de eloquencia, dentro em pouco tornou-se admirado e respeitado no mundo scientifico.

(Continua)

F. A. D'ALMEIDA.

SEVAGY

(Continuado de pag. 115)

Desvanecido Sevagy com tão prosperos successos, quiz mostrar ao proprio grão Mogol, que também o não temia, e tomou-lhe as terras até Chaul de cima, distante meia legua de Chaul, pertencente aos portuguezes.

Saqueou-lhe depois Biundim, Galiana e a cidade de Juner. Enfurecido com isto o grão Mogol, mandou contra Sevagy um formidavel exercito, commandado por Sextaghan. Sevagy, porem, que já a esse tempo possuia 40 fortalezas no reino de Visapur, e 24 no Grão Mogol, não se amedrontou, e caindo com um corpo de dez mil cavallos sobre o exercito de Sextaghan, ainda em marcha, lhe causou uma mortandade espantosa. Quando, porem, os mogoes já iam tomando alguma ordem, para lhe resistir, fugia Sevagy num momento, e, passadas horas, tornava noutro sitio a cair sobre as forças de Sextaghan, e continuando no mesmo modo de proceder, debilitou immenso as forças inimigas.

Vendo, porem, o grão Mogol, que passava já dum anno, que seu exercito estava em campo contra Sevagy, sem tirar o mais pequeno proveito, antes, com enorme prejuizo seu, mandou em socorro de Sextaghan a Jassamptissinga com um innumeravel exercito de cavallaria.

O novo general, se bem que não foi logo vencido pelas armas de Sevagy, foi comtudo comprado por grandes thesouros, para que se conservasse neutral, não acudindo nem a Sextaghan, nem fazendo mal ás forças de Sevagy. E esta neutralidade foi tão pontualmente guardada pelo general inimigo, que nem mesmo acudio a Sextaghan, quando Sevagy o mandou procurar, para o matar na sua propria tenda, da qual foi muito feliz em poder fugir com uma cutilada, e com a morte de seu proprio filho.

E Sevagy para mostrar ao grão Mogol que não receiava as suas forças, mandou, no entanto, saquear a cidade de Surrate, a mais rica de todo o imperio Mogol. Furioso o grão Mogol com a noticia do saque de Surrate, mandou recolher os dous

generaes, que nada tinham feito, e enviou contra Sevagy a Rayá, no qual punha grandes esperanças.

As forças agora enviadas contra Sevagy eram temiveis. O historiador diz-nos, que só homens de cavallo eram 400 mil, além de 500 elephantes, 3 milhões de camelos, e gente de pé innumeravel. O caso agora era serio, e mais serio se tornava, porque o Rayá não se deixava vender por dinheiro offerecido: e o rei de Visapur, havendo já annos, que pagava um tributo a Sevagy, para lhe não tomar mais terras, nem molestar os seus vassallos, tinha faltado agora ao tratado mandando forças em soccorro do Rayá, contra Sevagy. Este, cego de colera por esta acção, poz de parte a prudencia, e só quiz vingar-se do rei de Visapur, fosse por que meios fosse. Numa manhã vae sosinho procurar o Rayá, e faz um tratado com elle de vassallagem ao grão Mogol, entrega seu proprio filho em refens, e emprega todos os meios, para irem tanto o Rayá como Sevagy, de commum accordo, fazer guerra ao rei de Visapur. Marcharam ambos, com effeito, contra o novo inimigo; porem, não só passaram durante a marcha por differentes revezes, mas até tiveram de se retirar com a maior precipitação, por ter o rei de Visapur mandado deitar carne de porco nos pços e fontes, (o que, era um grande sacrilegio para os mogoes até o tocar nella, quanto mais comel-a,) e envenenando as aguas. Escreveu depois e Rayá ao grão Mogol a respeito de quanto se tinha passado, e, como Sevagy restituira as vinte fortalezas, que havia tomado, nas quaes já ficavam presidios mogoes. Pedio depois licença Sevagy ao Rayá para se retirar para suas terras, visto a sua presença já não ser necessaria. Concedeu-lha elle, permittindo-lhe, até, que levasse seu filho, que tinha dado em refens, pedindo-lhe só que lhe desse sua palavra de voltar, quando fosse necessario. Respondeu o Mogol á carta do Rayá, agradecendo muito ter sujeitado Sevagy, e restaurado as fortalezas; e que muito desejava ver a Sevagy, para o conhecer de vista, porque tinha ouvido d'elle tantas e tão grandes cousas, que, cada dia era maior o desejo de o ver: pelo que lhe encommendava muito, que lho enviasse, para lhe fazer muitas mercês. Mandou o Rayá o recado do Mogol para Sevagy vir á sua presença; porem este, desconfiando das tenções daquelle, respondeu empalhativamente. Chegaram, no entanto, cartas do Mogol umas atraz das outras ao Rayá, em que exigia Sevagy vivo, ou morto, e vieram as cousas a ponto, que o Mogol enviou ao Rayá uma espada e uma manilha com uma carta, em que dizia, que mandando Sevagy á sua presença, tomasse aquella sua espada, e se servisse della, como valoroso general; e, se o não mandasse, pozesse no braço aquella manilha, pois se não fazia outro presente a mulheres. Era esta a maior affronta, que se podia fazer naquellas partes orientaes, e deixava por infame aquelle, que ficasse no caso de merecer a manilha. Causou isto tão grande amargura ao Rayá, vendo que Sevagy não estava resolvido a ir á presença do Mogol, que,

caindo numa tão grande melancolia e tristeza, em poucos dias se desconfiou da sua vida. Estando o Rayá quasi nos seus ultimos momentos, seu filho Conhorgy escreveu a Sevagy, contando-lhe o que se passava, e que a vida de seu pae estava agora nas mãos d'elle Sevagy. Com tal carta, este, enternecido, ignorando na verdade as tenções do Rayá, e movido pela palavra, que tinha dado, de apparecer, quando fosse chamado, sem demóra vae ter com o Rayá, o qual dentro em pouco, com a alegria, recuperou saude, e mandou com muito segredo preparar tropas para levarem Sevagy á presença do Mogol. Quando tudo estava prompto para tal fim, entrou Rayá com muitas rasões a persuadir, e a mostrar, quanto seria proveitoso para elle Sevagy ir visitar o grão Mogol, para receber d'elle grandes honras, e riquezas, pela entrega que fizera das fortalezas que, em tempo, lhe tinha tomado. Bem conheceu agora Sevagy a traição, que se lhe armava: mas, actualmente, não havia remedio senão obedecer, e, por isso, poz-se a caminho para Dely, escoltado por Dilalghan, general de grande reputação. Depois de 4 mezes de jornada, chegaram á cõrte, e o grão Mogol mandou immediatamente entregar Sevagy ao *Fusadar*, que era um capitão de 12 mil cavallos, e tinha obrigação de olhar pela segurança da capital, e de entregar os delinquentes, fossem de que crime fossem. Mandou immediatamente o grão Mogol fazer uma grande panella de prata, dentro da qual queria, que lhe apresentassem a cabeça de Sevagy na mesa.

Era a vespera do dia, em que o ourives tinha promettido apresentar a panella prompta, e nessa noite Sevagy, fingindo uma necessidade corporal, pediu licença para ir ao campo, o que era de costume entre aquelles povos, e mesmo julgava-se não haver nisso perigo, pois os guardas eram tão numerosos, que até então não se tinha dado o caso de fugir um preso. Levou consigo Sevagy os vestidos do seu brahmane, ou padre, escondidos, e pondo-se na costumada postura, se foi desviando pouco a pouco, até se ver alguma cousa distante dos seus guardas. Despio-se então, e vestindo os vestidos do brahmane, se foi afastando e correndo, não parou em toda a noite, fugindo sempre das estradas. Vestindo de brahmane foi pedindo esmola pelo caminho, até que, passando muitos e variados trabalhos, pôde chegar, no fim de 6 mezes, ás suas terras. No entanto levou o ourives ao Fusadar pela manhã o vaso, e indo este em busca de Sevagy, não o encontrou. Não se sobresaltou, pois cousa tal nunca se tinha ouvido, e por todas as partes enviou gente em procura do fugitivo. Voltaram, porem, sem d'elle terem achado o mais pequeno indicio, e o Fusadar procurou desviar de si o golpe, mandando degolar o cabo das guardas, e, fazendo metter a cabeça d'elle dentro da panella, a apresentou ao grão Mogol, dizendo-lhe ser de Sevagy. Não se pôde descrever a alegria daquelle por ver ali a cabeça dum homem, que tantos males lhe causára, e, cheio de jubilo, lhe perguntava pelo saque

de Surrate, pelos roubos que tinha feito, e por mil cousas mais; porem, o Fusadar ainda mais satisfeito se achava com a alegria do seu senhor.

Ainda que livre de tão grande perigo, em que se tinha visto ficou, comtudo, Sevagy quebrantado. Não quiz mais conquistar terras, e determinou tomar a vida de pirata, para o que comprou 25 navios, e os armou, com o fim de roubarem as embarcações malabares, e de outros povos orientaes. Dirigiram-se por isso para Onor, Barcelor, Cambolim, e Mangalor, tudo portos do Canará. Foram felizes na empreza, e se recolheram com 120 navios.

De Canará mandaram aviso do que se tinha passado ao vice-rei da India portugueza, Antonio de Mello de Castro, o qual mandou immediatamente seu filho Diniz de Mello de Castro com 8 navios contra a armada de Sevagy, que sendo encontrada, foi completamente derrotada. Mandou, sem demora, Sevagy, um enviado ao vice-rei com grandes satisfações, dizendo, que nunca fôra sua intenção offender os portuguezes, porque antes lhes guardava sempre grande respeito: que, em tendo em seu poder o general da armada, lhe mandaria cortar a cabeça, pelo atrevimento de, contra sua vontade, offender cousa que tocava aos portuguezes; e que s. ex.^a dispozesse dos navios que lhe tomara. A isto respondeu o nosso vice-rei, que elle não tinha necessidade de navios, e que só lhos mandara tomar, para que visse o pouco, que valiam as suas armas contra os portuguezes; que lhe restituia tudo, mas que dahi por diante visse lá como se havia com as cousas que podessem offender os portuguezes.

A este tempo estava Sevagy muito abatido, e continuamente com medo de vir outra vez a cair nas mãos do grão Mogol, e por isso mandou pedir um salvo conducto ao mesmo vice-rei, para se passar á terra dos portuguezes com todos os seus thesouros, por isso que estava receioso de que o grão Mogol viesse contra elle com poder tal, que se não podesse defender. Respondeu o vice-rei, que se tal occasião chegasse, se asylasse elle entre os portuguezes, onde podia estar seguro; porem, emquanto ella não chegasse, o não fizesse, para elle vice-rei se não indispôr, sem motivo, contra o grão Mogol.

Alguns annos depois mais tornado a si Sevagy do susto porque tinha passado, continuou suas conquistas, tomando todos os territorios do rei de Visapur, e ainda não satisfeito com isto, determinou ir saquear outra vez as terras do grão Mogol, e especialmente Surrate, mas com rigoroso bando, de que, *quando se passasse por terras portuguezas, nem nas arvores se tocasse.*

É, porem, de advertir que igual respeito não tinha Sevagy aos outros povos estrangeiros, holandezes e inglezes, que já então tinham algumas feitorias naquellas partes orientaes, as quaes muitas vezes foram roubadas e maltratadas, sem tal procedimento lhe causar o mais pequeno receio.

Sevagy continuou sempre nas suas conquistas, até que, passados alguns annos, veio a morrer,

com grande pesar, segundo nos diz o seu historiador, dos povos que lhe estavam sujeitos.

É isto o que a respeito de Sevagy nos diz Cosme da Guarda. Mas confronte-se ainda com o que nos diz Dellon:

Este principe (1) tem sabido tão bem tratar os seus negocios, que se tornou temivel a seus inimigos, ainda que incomparavelmente mais poderoso do que elle. Seus dominios eram em principio mui mediocres, mas a pouco e pouco foi estendendo o seu poder, e levou suas conquistas quasi desde Surrate até Goa, exceptuando alguns lugares maritimos que os portuguezes, inglezes e holandezes possuem nesta costa.

Este formidavel visinho levantou de repente um poderoso exercito em 1676. Levou o terror até Goa, capital dos estados, que o rei de Portugal possue alem do Cabo de Boa Esperança. Muitas vezes levou o susto e a assolação a diversas provincias do imperio Mogol. Saqueou mais de uma vez Surrate donde levou riquezas immensas, sem respeitar nem mesquitas dos mahometanos, nem os pagodes dos gentios, apesar de serem estes ultimos da mesma religião que elle. Na occasião do ultimo ataque que fez a esta florescente cidade, não usou de moderação senão para com as nações da Europa, cujas casas mandou poupar. Abandonou o resto da cidade á pilhagem, e não se retirou senão depois de ter levado thesouros infinitos, e deitando fogo por toda parte.

Sevagy possue quantidade de praças fortes, algumas das quaes estão situadas sobre montanhas escarpadas e inacessiveis. As guarnições destas fortalezas fazem incursões continuas sobre os povos visinhos, com os quaes este principe tem guerra. A maioria de seus vassallos são gentios como elle; todavia tolera nos seus estados todas as religiões, e pôde-se dizer delle que é um dos mais habéis principes da Asia e um dos maiores politicos do nosso seculo.

M. BERNARDES BRANCO.

O CASTIGO DE UM ADULADOR

Para adular Luiz XV, compoz Voltaire um drama intitulado «*Trajano*.» Depois da representação, abriu Voltaire um pouco a porta do camarote, e dirigindo-se ao marechal de Richelieu, de modo que Luiz XV podesse ouvir, perguntou: — *Trajano está contente?* — O rei, offendido de tal ousadia, lançou sobre Voltaire um olhar severo, que obrigou o baixo adulator a fugir apressado e corrido de vergonha.

Não sei se é sublime, mas commove-me profundamente o conselho que um pae dava a seu filho:

— «*Falla sempre a verdade: a ninguém promettas o que não quizeres cumprir: assim o peço, por esses pés que eu acalentava quando tu estavas no berço!*»

(1) Pag. 161.